

Sobre um Crítico

I

A crítica literária está hoje no Brasil para a literatura mais ou menos como o magistério secundário para as diferentes profissões. Assim como até há pouco os médicos, advogados, engenheiros que não sabiam o que fazer se dedicavam ao ensino nos ginásios, na literatura atual quem não reconhece em si mesmo nenhuma vocação específica se põe a fazer crítica de livros. E mesmo quem tem vocação determinada não deixa de vir dar o seu palpite. De modo que, embora extraordinariamente intensificada em número, a atividade crítica continua mais ou menos sem relevo especial. Raros são os bons críticos. Raríssimos os de primeira ordem. E mais raros ainda aqueles que se dedicam apenas à crítica.

Assim sendo, um nome como do Sr. Álvaro Lins avulta imediatamente dentre os seus confrades e vem a ser um verdadeiro exemplo de dedicação exclusiva à crítica literária, à qual ele se entrega como a uma missão. Os resultados, é claro, não se fazem esperar. Cada dia que passa o crítico pernambucano cresce em autoridade e em firmeza, e não sei se será exagero falar dele como da maior autoridade que possuímos em crítica literária hoje em dia.

A primeira coisa que se nota após a leitura desta 2ª série do *Jornal de crítica*¹ é um progresso marcado e decisivo sobre a primeira, aparecido há coisa de ano e meio. O que vem provar que o Sr. Álvaro Lins está longe de ser o prodigioso prodígio de maturidade precoce de que o querem fantasiar os seus críticos mal avisados. Este progresso real, profundo, extremamente fecundo, demonstra a mocidade, a frescura permanente do seu espírito moço.

No meu modo de ver, tal progresso é devido sobretudo a um sentido mais filosófico da crítica e da obra criticada. À sua já conhecida intuição e perspicácia, o Sr. Álvaro Lins junta nestes ensaios uma capacidade maior de relacionar, de estabelecer ligações em profundidade entre autor, obra, tempo, vida - que é justamente uma das características do espírito filosófico.

Talvez se pudesse dizer que o Sr. Álvaro Lins, na primeira série do seu jornal, se desenvolvia em julgador certo das obras, enquanto que hoje se apresenta como um descobridor do sentido das mesmas.

A faculdade “mestra” do Sr. Álvaro Lins parece ser a de intuir e localizar... a faculdade mestra de uma obra e de um escritor. Num sentido, porém, ao mesmo tempo mais denso e mais vasto que o de um crítico taineano.

No Sr. José Lins do Rego, por exemplo, o Sr. Álvaro Lins apanha as duas molas do seu processo criador: memória e imaginação. Imediatamente, nos mostra como estas características se desdobram e dão origem ao mundo dos personagens do Sr. José Lins do Rego, num movimento como que dialético de enriquecimento que se desdobra. Imaginação e memória se unem através da sua oposição; o autor que elas

caracterizam-se opõe ao mundo exterior e com ele se unifica através delas. O resultado é uma obra de extraordinária vitalidade e trepidação humana.

Este sentido de jogo da psicologia do autor com a sua estética, e delas com o meio, resultando de tudo o caráter significativo da obra, me parece a marca da crítica de ficção do Sr. Álvaro Lins.

Aliás, creio poder dizer que ele é o maior crítico de ficção que já apareceu, no Brasil. A crítica de ficção é a pedra de toque para se reconhecer o verdadeiro crítico, aquele que funde sensibilidade com poder de analisar. É a mais complexa e a mais delicada.

Na poesia, o crítico pode se deixar levar pela comunicação afetiva e, sugerindo apenas este movimento de participação, colocar-se fora da análise. Na crítica de idéias, pode ser que demonstre apenas esta. Na de ficção, é preciso que se combinem ambas, pela própria natureza do gênero criticado. De acordo com a maneira por que penetra num romance, sentindo-o, analisando-o, revelando-o, situando-o, conhecem-se a universalidade e a profundidade de um espírito crítico. Grande crítico de ficção, o Sr. Álvaro Lins me parece menos feliz na de poesia, onde a intervenção da sua inteligência se dá um pouco de mais, onde ele como que abafa as forças de participação que se sente existirem nele. Na de idéias, onde caminha com menos segurança, creio que chegará a uma grande firmeza, quando estiver de posse do seu método.

Porque o Sr. Álvaro Lins ainda não possui um método. Apenas se encaminha para ele.

A característica mais geral do crítico do *Correio da Manhã* é o seu individualismo. A sua consciência que, como a do artista, não quer se comprometer para não se limitar. Tal atitude, que me parece condenável, e que leva os críticos menores ao desbragamento personalista e a um infra-relativismo em que se dissolve de todo a inteligência ordenadora - aparece, no entanto, em críticos da sua estatura, como propícia a inúmeras vantagens.

Antes de mais nada, porque há na sua isenção uma virtude superior de imparcialidade; depois, porque vem de ambas um caráter fecundo de universalidade; finalmente, porque, de posse destas duas qualidades que podiam ser defeitos e descair na falta de caráter intelectual o Sr. Álvaro Lins as articula e organiza segundo uma solidíssima linha ética de pensamento e de conduta.

Ora, o resultado é que tal crítico, fazendo embora da sua atividade uma aventura sempre renovada em face das obras, mantém o rigor de uma diretriz, graças à firmeza de um princípio de moral intelectual toda voltada para o conhecimento literário, e só para ele.

Não há dúvida que o Sr. Álvaro Lins é, quimicamente falando, o crítico mais puro que existe hoje em dia no Brasil. Há certos momentos em que quase nos comovemos ante algumas das suas páginas, ao sentirmos a nobre tensão em que vive o seu espírito, defendendo ciosamente o justo equilíbrio e a imparcialidade, entre o impressionismo estético que ameaça os grandes individualistas e a solitação da ati-

vidade no mundo, que arrasta o intelectual para o turbilhão dos acontecimentos e das paixões políticas.

Tanto mais quanto, não é difícil notar no Sr. Álvaro Lins um interesse apaixonado, pelo seu tempo e pelo seu semelhante - interesse que ele não permite, mais ainda neste segundo *Jornal* que no primeiro, ameace seriamente a sua equanimidade. Sob a serenidade contida deste crítico sente-se um drama; sente-se um homem que vive compondo a cada momento a sua posição em face do mundo, num esforço permanente de compreensão. Esta luta interior, esta agonia como diria o velho Unamuno, dá às páginas de crítica do Sr. Álvaro Lins um valor humano e espiritual que lhe assegura a prioridade sobre quantas se publicam entre nós.

Para os moços que escrevem e que, talvez por menos fortaleza de ânimo, ou uma crença menos total na literatura, não conseguem desligar o seu trabalho de um tempo que os solicita vertiginosamente e onde eles se inscrevem com a fatalidade da queda dos graves, para os moços de agora, dizia, o Sr. Álvaro Lins constitui motivo de inspiração, e de conforto.

É que eles o sentem, de um modo ou de outro, como alguém que há de manter sempre puro o trabalho crítico; que há de se dirigir sempre à literatura com a intenção de cuidar dela, e só dela, sem deixá-la, pobre ancila, se desfigurar no tumulto violento para o qual nos encaminhamos cada vez mais. Sentem, por outro lado, que no meio da horda dos impressionistas deshumanos e anti-sociais, há um individualista consciente que, em que pese às solicitações do meio, prestará à literatura brasileira o serviço de lhe indicar o caminho certo, preservando-a do partidarismo e da utilização indevida.

Vejamos as razões que me levaram a dizer que o Sr. Álvaro Lins está se encaminhando para o seu método, para ele, o objeto da crítica - declarado no ensaio que abre o livro e reafirmado mais de uma vez nos outros - é a determinação, na obra literária, daquilo que é eterno, que transcende às contingências. O Sr. Álvaro Lins está certo ao pensar deste modo. A literatura, como a arte, tem razão de ser na medida em que significa uma fixação de certos elementos que vençam o tempo e se coloquem acima da sua realidade. Pensando assim o seu método é consequentemente o de uma penetração de essências, o trabalho crítico, se perfazendo com a revelação do núcleo absolutamente significativo de uma obra, a crítica se tornando uma aventura da personalidade, um esforço para inserir na mesma ordem de que participa a essência da obra literária.

No entanto, por mais completa que possa ser a participação de um crítico no núcleo essencial de uma obra, é fora de dúvida que só há um meio para se chegar a eles: os seus sinais exteriores; toda aquela parte que significa neles ligação com o tempo, contingência, relatividade. É o próprio Sr. Álvaro Lins que o reconhece a um dado momento.

Ora, se supusermos que há de fato alguma coisa de eterno no homem, que empresta duração à obra de arte, refletindo-se nela, é fora de dúvida que essa alguma coisa se apresenta de um modo ou de outro conforme o tempo, e o lugar. Fosse de fato possível a existência por si de uma realidade humana extra temporal, poder-se-ia

dizer, caricaturando, que a primeira obra-prima da literatura a teria esgotado. E não haveria lugar para nenhuma outra mais. Pelo fato daquilo que o Sr. Álvaro Lins chama de efêmero, de temporal, de contingente, constituir de fato o aspecto significativo das obras, é que é possível haver uma cadeia ininterrupta de grandes obras através da história da cultura.

Assim não se justifica uma das afirmações-chave do Sr. Álvaro Lins: [...] tenho a coragem de ser indiferente ao que é moderno e ao que é antigo, procurando somente a verdade - o que me parece a verdade pelo menos - sem ligação com as circunstâncias de espaço e de tempo”².

Ora, as circunstâncias de espaço e de tempo são grandemente responsáveis pelo fato, de Dostoievski não tratar o eterno humano da mesma maneira por que o fizeram Cervantes ou Villon. Através delas, portanto, é que podemos chegar ao núcleo de significação de uma obra, pois que são elas que definem a verdade que o Sr. Álvaro Lins quer colocar fora e acima delas. De maneira alguma será possível ao crítico deixar de começar por elas o seu trabalho. Nem quando imagina estar entrando em comunhão mística com as essências, pois ainda neste caso nada mais fará do que intuir diretamente uma realidade que, não passa da hipostase das circunstâncias de tempo e de espaço.

O método do Sr. Álvaro Lins, na sua primeira fase, parecia mais radicalmente individualista e essencialista. Ou, antes, a sua falta de método. Nesta segunda fase, em que lhe pese, ele se aproxima muita mais da consideração do aspecto cultural da criação literária. É o que me leva a crer que, num futuro não remoto, o seu método surgirá, tendo como característica uma síntese feliz do seu essencialismo personalista e da valorização justa do condicionamento cultural das obras.

Como se vê, a sua carreira vem se desenvolvendo num progresso contínuo para o aprofundamento e, através do processo que mencionei no princípio, da correlação em profundidade, para um largo e definitivo universalismo crítico.

II

Para um crítico, é sempre perigoso falar de outro; geralmente temos os nossos pontos de vista mais ou menos firmados a respeito do ofício, e tanto mais nos apegamos a eles quanto eles são, por assim dizer, os nossos instrumentos de trabalho. Se o instrumento de trabalho, do colega estudado é parecido com o nosso, somos levados a admirá-lo, revendo nos seus escritos um pouco de nós mesmos. Se é diferente, somos levados a encará-lo com desconfiança, pois para admiti-lo somos obrigados, não raro, a admitir primeiro a deficiência do nosso. Além disso, retêm-nos certos escrúpulos de ética profissional, tanto no ataque, que poderia parecer despeito, quanto na admiração, que poderia parecer barretada prudente.

Não obstante, a crítica é um gênero literário como os outros, e não há razão para deixá-lo de lado num rodapé que procura mais ou menos, informar o leitor sobre o movimento literário. Com estas precauções iniciais, passo a abordar a 4ª série

do *Jornal de crítica* do Sr. Álvaro Lins, mestre de todos nós que lidamos, com a crítica, no Brasil.³

O primeiro reparo que fazemos ao folhear esta 4ª série é a que os estudos sobre ficção e poesia são em número limitado, predominando os de teoria literária, idéias, etc.. Parece que o crítico, à medida que progrediu no seu trabalho foi sentindo cada vez mais necessidade de ventilar idéias em vez de interpretar criações artísticas, - etapa perfeitamente justificável e, deixem-me dizer desde já, em muito boa hora empreendida pelo Sr. Álvaro Lins. Na seqüência dos seus livros, este ficará, talvez, como o exemplar mais típico de crítica de idéias, até aqui praticada por ele com maior parcimônia. Se não me engano, (não tenho o artigo à mão) ao fazer a resenha da 2ª série do *Jornal de crítica* há uns três anos, observei que o Sr. Álvaro Lins não me parecia manobrar, neste terreno, com a mesma mestria demonstrada em outros, principalmente no da crítica de ficção. Agora sou obrigado a inverter a afirmativa, porque me parece que, no caso em vista, ele se realiza com mais firmeza na análise e discussão das idéias do que na interpretação dos romances e, mesmo, da poesia. Razão a mais para lhe estimarmos a obra, cuja variedade fará que permaneça em prateleira sempre consultada da nossa estante.

A esta altura da sua carreira, já não tem mais sentido “julgar” o Sr. Álvaro Lins. Trata-se, apenas, de discutir, esclarecer, interpretar uma obra solidamente asentada em nossa literatura, à qual tem prestado, nestes últimos sete anos, um serviço apenas comparável ao do Sr. Tristão de Athayde, no decênio de Vinte, e o de José Veríssimo, no começo do século. Como estes predecessores ilustres, o Sr. Álvaro Lins tem sido o principal fator para a manutenção, entre nós, de uma elevada compreensão da crítica, num trabalho constante e pertinaz de apoio e interpretação do movimento literário. Não quero dizer que seja “o melhor” crítico brasileiro, porque estas questões não têm sentido. Na primeira plana, em que ele se coloca, aí estão os srs. Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Afonso Arinos de Melo Franco, Otávio Tarquínio de Sousa, Barreto Filho, Otto Maria Carpeaux e mais alguns. O de que não há dúvida é que de todos os citados ele é o “mais” crítico, o único que não interrompe a atividade, que não a cultiva incidentalmente, que não se cansa de criticar - e isto vale dizer que é, de todos, o que mais consciência revela da sua missão, encontrada pelos outros em setores diferentes: historia, política, filosofia.

A prova desta vocação do Sr. Álvaro Lins é, justamente, a capacidade de apresentar, nos vários volumes do *Jornal de crítica*, aspectos diversos, ora se detendo na ficção, ora cuidando da poesia com mais afinco, ora, como no presente, se voltando sobretudo para a discussão das idéias, literárias, filosóficas ou políticas, sem, por isso, deixar um só momento de ser crítico literário. É que, no Sr. Álvaro Lins, o crítico se mistura tão intimamente com o humanista (no sentido largo), com o cidadão que o seu trabalho está, a todo momento, assumindo o aspecto de debate com os problemas do mundo. Embora ninguém, mais do que ele, tenha a preocupação de salvaguardar a autonomia e a pureza da literatura, acima das suas utilizações não-literárias, ninguém, mais do que ele, a tem sabido compreender dentro do momento, da direção humana e social. Sob este ponto de vista houve, aliás, na obra do

Sr. Álvaro Lins, é inegável, uma passagem (não digo evolução) da atitude mais puramente estética para a atitude mais participante; e, com ela, uma atenuação de certa confiança altiva em si mesmo a favor de maior humildade profissional. Na 1ª série do *Jornal de crítica*, o Sr. Álvaro Lins acentuava, talvez demasiado, o desejo de, pessoalmente, se colocar acima da contingência e construir obra duradoura, válida para o futuro e, literariamente, de não transigir com os elementos anestéticos da literatura. Com o correr do tempo, modificou um pouco a atitude inicial, aceitando, sem relutar as implicações sociais (isto é, contingentes) da produção artística, participando com maior freqüência nas questões do momento, como que reconhecendo a necessidade de abaixar a mira dos seus estudos para integrá-los melhor no minuto presente, sem com isso comprometer-lhes a solidez e o brilho. Numa palavra, deu à sua obra aquele caráter de literatura empenhada, *littérature engagée*, de que fala Sartre; empenhada e não ancilar, isto é, servindo o homem e o espírito, mas evitando, o mais possível, subordinar o significado específico da obra literária ao seu aproveitamento puramente ideológico.

A 4ª série do *Jornal de crítica* nos leva a verificar tudo isso e, por conseguinte, nos serve, mais do que qualquer dos anteriores, para chegar mais perto da personalidade literária do autor, que nos aparece porventura como fruto de tensão constante entre um espírito de crítico e um temperamento de lutador. A sua maneira de escrever se caracteriza por grande policiamento mental, que o leva a banir dos estudos inclusive o senso de humor e o aproxima, não raro, da frieza, visto que pouco se afasta de um meticuloso equilíbrio. Por outro lado, é notória a sua tendência polêmica, à qual se abandona de corpo e alma, sem rejeitar parada, se me permitem a gíria. As suas idéias são claras e firmes; daí, talvez, a segurança com que as defende sempre que há oportunidade. As vezes chega a parecer que o Sr. Álvaro Lins não duvida - tal a segurança comunicada aos seus conceitos; e é provável que nesta circunstância esteja uma das causas de sua predileção, pela crítica judicativa, porque, se o seu temperamento é afirmativo e a sua organização mental exige nitidez de linhas, nada mais natural que, para ele, a função crítica por excelência esteja ligada ao julgamento literário, surgindo este como resultante da convergência de seu espírito com o seu temperamento. Além disso - é preciso notar para a sua rigorosa noção de ética profissional o julgamento aparece como exigência de um espírito que se compraz na responsabilidade assumida.

Se não estou mal informado, o Sr. Álvaro Lins é suplente de deputado pelo Estado de Pernambuco, em cuja política tem participado intensamente. Com este dado, podemos chegar mais perto da sua personalidade literária, estabelecendo uma seqüência elucidativa, em que se alinham o gosto pelo debate, a necessidade de ação e a tendência judicativa em crítica. Optar, julgar, agir - processos que talvez lhe condicionem tanto a vida quanto a obra e que muito bem cabem na sua natureza de católico inconformado, cheio de dramas e aspirações.

Não se pode, é claro, dizer - como diziam os inimigos ou invejosos de Sílvio Romero - que é sobretudo polemista, pois é um crítico autêntico, embora seja, ao mesmo tempo, um intelectual combativo quando entram em jogo as suas convenções

ou, mesmo, suscetibilidades pessoais. Voltando ao ponto de partida, confesso agradecer-me a fórmula que lhe apliquei e que terá, se tiver, o relativo valor de todas as fórmulas: espírito de crítico em temperamento de lutador - a serenidade da inteligência disciplinando a ebulição dos impulsos e o julgamento crítico se compondo segundo as suas linhas de força, numa combinação que tende mais para o julgamento do que para a interpretação ou o comentário.

Por ver desta maneira a personalidade do Sr. Álvaro Lins é que sou um dos seus mais constantes admiradores. O humanismo de intelectual “empenhado” dá à sua crítica atual um calor que ela provavelmente não teria, caso levasse muito avante o certo hieratismo com que primeiro nos apareceu, austera e sequiosa de absolutos. A tendência de julgar, discriminando com severidade e afirmando com intransigência os padrões literários, pode não raro engendrar, com o exercício prolongado da crítica, o sentimento de infalibilidade, que descamba às vezes até o pedantismo (este espantalho de todos nós, comentadores de obras literárias), que o senhor Álvaro Lins afastou do seu caminho pela compreensão mais humilde dos caminhos dos outros e pela integração do seu pensamento nas dores do tempo presente. Pedantismo que ele próprio (estou seguramente informado) situou certa vez em conversa com muita graça, ao dizer que em todo crítico, quer queira quer não, há sempre um pouco de mozarlesco... Se, como membro da grei, paira sobre ele o perigo desta asa negra, não há dúvida que (para continuar na Gnomonia Ovalle-Bandeira) o seu temperamento é sobretudo de kerniano e de dantas - quer na energia das convicções e nas reações que elas motivam, quer no fervor e na pureza da apego à crítica e à literatura.

III

Para não correr o risco de parecer contraditório, vou dividir esta crônica em duas metades complementares, como que solicitando do leitor um esforço de se colocar em dois pontos de vista diferentes: um, relativo às possibilidades e aos deveres do crítico e da crítica moderna; outro, relativo ao destino de ambos numa perspectiva histórica. Sendo um escritor característico do seu tempo, o Sr. Álvaro Lins nos serve para centro de debates sobre um problema que ele tão bem encarna.

1ª parte:

A crítica não é apenas arte literária, mas, sob vários aspectos, verdadeira metodologia, segundo a concebeu Sílvio Romero. Daí levar-nos a uma atitude de espírito mais geral do que a especificamente literária, visando a indagações que abrangem, não raro, diversos setores da cultura.

Nos tempos em que possuía, realmente, influência orientadora sobre a cultura, o crítico tendia a participar intensamente nos valores da sua época, falando como moralista, pensador, tanto quanto como literato. Esperava-se dele uma espécie de norma, buscada no convívio das obras literárias e aplicada ao pensamento e ao comportamento. O século por excelência da crítica, o XIX, viu críticos universais e efíci-

entes que eram, ao mesmo tempo (não raro), pensadores, educadores no sentido largo, concebendo a crítica enquanto atitude geral do espírito e se sentindo obrigados a intervir na vida espiritual e social. Taine, crítico de literatura, arte e filosofia, se dedicou, após a guerra de Setenta, à tarefa de dar à França um alicerce para a restauração social e política, vista por ele do lado das idéias conservadoras. O idealismo crítico de De Sanctis levou-o, na prática, à doutrinação liberal. Matthew Arnold foi dos maiores técnicos de pedagogia do seu tempo. Teófilo Braga não separava atividade crítica de luta ideológica e chegou a presidente da República Portuguesa. Lemaitre, Faguet, Brunetière, foram homens de doutrinação moral e política e, no Brasil, a eminência de Sílvio Romero provém, em grande parte, do fato de ele haver dado à sua crítica uma função amplamente social e nacional.

Não obstante, o maior crítico do século, Sainte-Beuve, se limitou à atividade literária e histórico literária, dando o exemplo de uma especificidade bastante acentuada do trabalho crítico. Mais pura e isenta, a sua obra pressagia o ponto de vista moderno, mais acentuadamente estético e procurando separar-se de outras preocupações. Mas nem este enrolamento da crítica sobre si mesma, até certo ponto salutar, esta exigência mais rigorosa de autonomia, impediu que os críticos tendessem para a participação na vida do seu grupo e do seu tempo. Para não falar dos norte-americanos, freqüentemente ligados ao pensamento político; para não citar Eliot, Middleton Murry, Spender ou Read, ingleses mergulhados em filosofia social; para ficar no Brasil, basta citar o exemplo eminente do Sr. Tristão de Ataíde, tão ligado ao pensamento e à ação religiosa e social que acabou por comprometer o sentido literário da sua crítica.

Na 4ª série do *Jornal de crítica*, o Sr. Álvaro Lins apresenta um pensamento político entrosado nas idéias literárias. Não que as suas idéias políticas estejam condicionando as literárias; ao lado destas se apresentam como novo elemento ideológico, concorrendo todas para caracterizar de maneira mais rica o seu pensamento.

Embora não seja possível, nem conveniente, estabelecer princípios gerais sobre o assunto, é preciso convir que a política nem sempre redunde em benefício da literatura, quando o crítico baseia o seu critério em teorias políticas. Por outro lado, a atividade crítica nos aproxima de tal modo de nexos como “motivação-obra”, “criador-público”, “estilo-momento”, que é quase sempre prejudicial o alheamento das questões sociais do minuto que vivemos. Ao apontar, no artigo passado, a ligação entre a crítica do Sr. Álvaro Lins e a sua atividade política, eu fiz com o intuito de salientar, nesta 4ª série do *Jornal*, os ensaios de fundo social e político, indicando o normativismo fecundo para o qual me parece ir caminhando o seu espírito e a sua obra.

Acho que a literatura não tem obrigação de ser social nem os críticos o dever de julgar segundo padrões não-literários. Mas acho que, sobretudo em tempo como o nosso, o crítico só pode enriquecer a sua obra se tomar consciência dos problemas sociais e organizar o seu pensamento em relação a eles. Cada época tem problemas-chave, e os sociais, não se pode negar, ocupam a primeira plana em nossos dias. E a consciência é de tal modo solicitada por eles que se torna quase impossível não

ter posição política definida, se não na militância, pelo menos no campo teórico. Quando cuida ardentemente de política e questões sociais, o Sr. Álvaro Lins está trazendo, para a sua época uma contribuição a que o homem de inteligência não se deve furtar.

Um socialista, o Sr. Paulo Emílio, escreveu na resposta à *Plataforma da nova geração*: “Estou, aliás, convencido de que por maiores que sejam as realizações que possam estar reservadas, à minha geração no campo literário, artístico e científico, esse conjunto não pode deixar de aparecer como um detalhe, diante do destino político, militar e religioso de uma juventude chamada a participar do desaparecimento de um Brasil formal e do nascimento de uma nação”.

Num católico inconformado e moço, como o Sr. Álvaro Lins, encontro conceito paralelo, embora não coextensivo “... há os momentos tormentosos e, agitados, porém, em que a política ocupa o primeiro lugar como direção e compreensão dos fenômenos sociais. Há uma política da guerra, uma política da revolução, uma política da construção da paz. Parece evidente que estamos vivendo um desses momentos em que é necessário pensar politicamente”.

2ª parte:

Assim, temos que o Sr. Álvaro Lins reconhece a necessidade do crítico situar-se politicamente, embora distinguindo dois reinos, senão independentes, pelo menos autônomos: o da literatura e o da política. Esta separação, muito recomendável para impedir o aviltamento da arte, significa, não obstante e em que pese à necessidade que temos nós de praticá-la, uma cunha metida na unidade espiritual do crítico. Praticando-a, o Sr. Álvaro Lins, e a maioria dos contemporâneos, se divide e, por assim dizer, se dilacera, porque opõe, dentro do pensamento, o aspecto de interpretação estética ao aspecto de participação política. No primeiro, se esforça por jogar com critérios de ordem estética; no segundo, com critérios de ordem sociológica e filosófica. Mesmo que não consiga uma absoluta dualidade, o que é mesmo impossível, o esforço revela a sua posição: não misturar as duas esferas.

Ora, semelhante modo de agir, praticamente dominante entre os críticos bem intencionados, se baseia possivelmente num equívoco. Equívoco que talvez seja fatalidade do momento e nos leve à situação de verdadeiro desespero cultural, com o desfibramento progressivo da crítica literária.

Apesar do nosso esforço de totalizar a experiência humana, vamos nos revelando, cada vez mais, homens dilacerados, cavalgando, ao mesmo tempo, quatro cavalos que poderão dum momento para outro, tomar caminhos diversos e destruir a precária unidade do nosso espírito, filho da crise. Do momento em que separamos a nossa estética da nossa moral e da nossa política, vamos descendo, lentamente, daquele alto pedestal em que se punham, os críticos de outrora, homens mergulhados na vida com pensamento uno, nos quais tudo se compenetrava e não apenas coexistia. Entre a religião, a política, a moral e a estética de Boileau, havia uma solidariedade inextricável e soberba. A filosofia, a história e a política de Taine se articulavam har-

moniosamente com a sua estética, a expressão de qualquer uma delas revelando o que lhe correspondia nas outras. Hoje, as conexões são sobremodo difíceis de estabelecer, porque não temos ideais que predominem com universalidade e segurança. Exagerando bastante, digamos que um marxista, um católico, um liberal, um espírita poderiam assinar muitos dos ensaios literários do Sr. Álvaro Lins, não só dele quanto da maioria dos nossos críticos - tal é a separação entre estética e ideologia. Eles têm uma validade que transcende as opiniões não literárias, porque o seu alvo é, justamente, estabelecer critérios puramente, isentamente literários. O mesmo não se pode dizer do Sr. Tristão de Ataíde atual, mas, em compensação, a sua crítica não é mais o que foi. Raramente se desprende de uma subordinação a pontos de vista doutra ordem.

Literariamente, isto é um bem, porque significa mecanismo de defesa da literatura numa fase de confusão de valores. Quando tudo se confunde, o espírito imparcial é levado a distinguir, e é justamente o que faz a crítica moderna, espécie de eczema de defesa. Para readquirirmos a unidade dos velhos críticos, precisamos de uma sociedade em que haja padrões estáveis. Até lá, a crítica continuará a se destacar cada vez mais das ideologias, ganhando o encanto das flores de estufa e perdendo a enfiatura que dá acesso às visões sólidas da vida. Quem sabe os críticos profissionais perderão, por uns tempos, a sua razão de ser, já que a literatura criadora se torna cada vez mais cheia de crítica?

De qualquer modo, enquanto vivermos no mundo em que vivemos, a maior tarefa, em crítica, ainda será a de preservar a imparcialidade e a pureza da literatura, opondo um dique ao seu aproveitamento ilícito. O dique do Sr. Álvaro Lins é dos mais eficientes que conheço. Do lado de dentro - o lado da literatura - já o estudei por duas vezes, quando saíram a 1ª e a 2ª série do *Jornal de crítica*. Agora, quero examiná-lo do lado de fora, procurando comentar e situar as suas idéias políticas e sociais.

IV

Através dos artigos da 4ª série do *Jornal de crítica*, o Sr. Álvaro Lins firma e amplia a sua posição de democrata católico. Que o era, sabíamos desde a 1ª série; agora, porém, vemos que se manifesta com mais radicalismo, chegando a proposições ainda há bem pouco tempo inconcebíveis sob a pena de um católico. Durante a guerra muitos intelectuais católicos brasileiros chegaram a certo inconformismo, bastante acentuado no terreno político. Ao lado da influência de Jacques Maritain e da guerra espanhola, da penetração do socialismo na democracia cristã, do pensamento social dos dominicanos, puderam conviver com Georges Bernanos, sentir a sua ação de presença, ler semanalmente os seus artigos inflamados, por vezes terríveis. Que caminho não percorreu um homem como o Sr. Tristão de Ataíde, desde a aprovação da revolta de Franco e da simpatia pelo integralismo até a sua recente atitude, ao lado de Maritain, a ponto de ser combatido pelos ultramontanos! O pensamento do Sr. Álvaro Lins me parece ainda mais avançado, tanto na sua rebeldia à diplomacia ecle-

siástica (não nos esqueçamos que tem velhas contas com os padres jesuítas) quanto na sua posição teórica, em face do capitalismo e da burguesia. De modo geral, creio que ele endossaria a frase com que certo padre se apresentou, não faz muito tempo, a um amigo meu: “Sou, anti-fascista. anti-comunista, e anti-clerical”...

Para o Sr. Álvaro Lins, a burguesia faliu moralmente e está à beira de falir materialmente. Aceitando vários pontos da crítica marxista, assinala a concentração progressiva dos capitais, com o aumento dos antagonismos de classe, e espera do Estado medidas para liquidar a crise. Uma intervenção que, segundo ele, longe de significar diminuição de liberdade defenderá o verdadeiro sentido da democracia. “O ideal seria a intervenção do Estado na ordem econômica, mas a não intervenção na ordem espiritual. Intervenção econômica do Estado que não seria arbitrária, mas feita através da legislação regular”.

O Sr. Álvaro Lins lança apenas uma idéia cujas dificuldades não aprofunda e nem mesmo aborda. Até o presente a justiça, tem sido tão mal ajustada à liberdade, tem-se mutilado tão cruelmente uma em benefício de outra, que o problema da sua coexistência (desde que não se trate de aparências nem meias medidas) surge, não raro, à nossa frente, como o da quadratura do círculo. Será sempre possível dar um pouquinho de justiça a troco de bastante liberdade, como acontece nas chamadas democracias ocidentais, ou um pouquinho de liberdade a troco de bastante justiça, à maneira do que acontece na U.R.S.S. O problema dos homens de boa vontade é, contudo, melhorar a proporção, até tornar iguais aos dois termos. Creio, sem hesitar, que os católicos do, tipo do Sr. Álvaro Lins vivem este problema com toda a honestidade e sinceridade. Apenas tenho a impressão de que, mais cedo ou mais tarde, se elevará no seu caminho o drama da ortodoxia e da heresia. Para eles, a quadratura do círculo, mencionada acima, se resolve menos em termos econômicos e políticos do que pela revivescência do próprio espírito cristão, e me parece que a marcha neste sentido provoca vertigens heterodoxas. Chegará o momento da Igreja dar o toque de recolher e ensarilhar - o toque cujas conseqüências podem ir até o que se conta na terrível história de Ivan Karamasov e a cujo som bem poucos ousarão desatender.

Nos ensaios “Cristianismo e Política” e “A questão Maritain”, o Sr. Álvaro Lins deixa bem claro que, para ele, o verdadeiro sentido, cristão de democracia e de política, em geral, implica uma atitude radical e inconformada. Reivindica o direito de discordar e, mesmo, ir contra a política e as conveniências da Igreja, excetuadas as questões, de dogma. Abre caminho, assim, para atitudes tão “irregulares” (do ponto, de vista da diplomacia do Vaticano) quanto às de Maritain e Bernanos por ocasião da guerra civil espanhola e a do último na sua crítica ao Papa - o Marquês Pacelli da condescendência com o fascismo.

Ora - e aí começa a minha crítica - penso que o atual, digamos, social-cristianismo não poderá avançar mais do que uns poucos e cautelosos passos naquele caminho da completa justiça social de que falam os seus mais generosos seguidores. A política eclesiástica lhes deixará liberdade suficiente para arrojados de pensamento, mas haverá de chamá-los à ordem na hora dos arrojados da revolução, indicando-lhes a sua linha oficial. Assim, enquanto dominicanos e maritainistas falam vigo-

rosamente contra o fascismo, pela democracia social e pela co-propriedade, a linha justa da Igreja põe para a frente jesuítas e deputados bem-pensantes, a falarem moderadamente, embora com muito maior espalhafato e demagogia, de ordem, família e (bem de leve) participação nos lucros. A ligação amistosa e crescente entre a Igreja e os Estados Unidos; a transferência do radicalismo pequeno-burguês anti-clerical, em países como a França e a Itália, para a democracia cristã; o patrocínio discreto, mas firme, dos regimes ibéricos pelo Vaticano - parecem indicar o início de uma larga fase de identificação entre o catolicismo, os governos ocidentais e a resistência à socialização. Quando esta tendência levar os agrupamentos socialistas e, talvez, comunistas, a intensificar as reivindicações, é possível que a atual democracia cristã reaja, por sua vez, no sentido da direita, deixando no abandono duma terra-de-ninguém os mais conseqüentes dos seus adeptos. Aí, serão poucos os Lamennais e muitos os que engulirão em seco, para justificar sua retirada, sofismas como alguns de Fulton Shean. Aquele, por exemplo, em que caracteriza o capitalismo como “posse egoísta”, a solução católica como “propriedade difundida” e a comunista como “egoísmo coletivo,” (sic!)

O Sr. Álvaro Lins, que não é socialista, mas democrata, parece basear as suas convicções, não apenas na análise do verdadeiro espírito cristão e no ensinamento dos pensadores católicos, mas, também, no estudo da história do capitalismo, no anti-fascismo decidido e em muitos pontos da crítica marxista, como assinei há pouco. Talvez esta abertura de espírito dê mais firmeza ao seu radicalismo no momento do refluxo. Por enquanto, apraz-me verificar o humanismo da sua atitude, porque este humanismo é a base comum em que se entendem os homens de boa vontade. Não sou sectário, ou por outra, não sou sectário neste momento, porque se trata, agora, de aplaudir quaisquer atitudes que fortaleçam realmente a democracia e sejam pela liquidação do capitalismo burguês. Há o momento em que o sectarismo é prejudicial e há outro em que é a solução mais nobre e eficaz. Estamos no primeiro, no que respeita ao debate de idéias. Vivemos um momento terrível; o mais terrível da idade contemporânea, porque somos incapazes de acreditar com fé e otimismo na paz e na justiça social com que nos acenam capciosamente os três ou quatro donos do mundo. Sentimos que “devemos”, temos obrigação de crer, mas não podemos”. O sentimento de catástrofe é mais forte do que a nossa vontade, e nos resta apenas trabalhar dentro do desespero e apesar dele, como o homem de Pascal, que *cherche en gémissant*.

Ora, estes são os momentos em que os homens se atiram nos braços da fé, cega e sem discussão. Por contra-golpe, há entre os que abandonaram a ortodoxia partidária da esquerda e os que abandonaram a ortodoxia eclesiástica, um ponto comum, uma semelhança de homens que recusam dobrar-se ante os argumentos da tradição, mais ou menos remota, e procuram revitalizar as suas ideologias à luz de um humanismo novo, liberto dos doutores e ministros que a desfiguraram. Talvez por isso eu me sinta bem disposto em relação a muitos pontos do pensamento do Sr. Álvaro Lins, discordando embora do seu ponto de partida e do seu ponto de chegada. Talvez por isso ele aceite certas posições marxistas, reconhecendo aos socialistas

em geral, e a Marx em particular, a glória incontestável de haver tornado vivo e irrefutável o problema social, influenciando deste modo na própria orientação, da Igreja de Roma.

Quero dar como exemplo deste ponto de encontro um trecho de Maritain, que nenhum homem bem intencionado pode rejeitar e que lembra pelo seu transcendente humanismo, certos trechos de Marx ou Engels:

Para a república (citê) verdadeira dos direitos humanos a fraternidade não é um privilégio da natureza que decorre da bondade natural do homem ou que basta ao Estado proclamar: é o termo de uma conquista lenta e difícil. que exige a virtude, o sacrifício e uma vitória perpétua do homem sobre si mesmo; neste sentido, pode-se dizer que o ideal heróico para o qual tende a verdadeira emancipação política é a instauração de uma república (citê) fraternal.

Acentuada a comunhão que nos pode a nós socialistas independentes de tendência marxista, aos católicos radicais (a mim, em particular, ao Sr. Álvaro Lins), não posso deixar de dizer o que nos separa. Para eles, o problema se coloca, antes de mais nada, em termos de destino pessoal e se resolve, se me permitem, com medidas de pedagogia: mudar o homem, para que mude a sua existência. Para nós, o destino pessoal, não se prolongando em perspectivas metafísicas, deve ser resolvido com medidas de social: mudar a existência para que o homem mude. Praticamente, esta divergência pode levar o católico radical a rejeitar medidas drásticas e intervenções bruscas, mas decisivas, preferindo refugiar-se nas atitudes de consciência. Por isso mesmo, acho perigosa certa tendência de muitos socialistas modernos: o repúdio aos caminhos atuais da solução russa os leva a acentuar com tamanha ênfase o fundamento ético, o conteúdo espiritual, o respeito à pessoa, (pressupostos do verdadeiro socialismo), que podem ser conduzidos a desprezar outras verdades não menos fundamentais, embora mais contingentes, de ordem econômica e revolucionária. O resultado será uma involução (de conseqüências imprevisíveis se as massas forem atingidas) até o velho socialismo utópico, totalmente sem sentido nas atuais condições do problema social.

Mas não é esta a ocasião de aprofundarmos a matéria. Se o leitor recorda o ponto de partida, há de lembrar-se que fiz questão de analisar as idéias políticas do Sr. Álvaro Lins no intuito de mostrar como elas enriqueciam e completavam o seu pensamento. Creio ter indicado, pelo menos, as linhas gerais do assunto para poder concluir, dizendo que a sua crítica e a sua política, embora autônomas, convergem numa atitude largamente humanista cujo significado não pode deixar de ser grande, dada a qualidade excepcional da sua produção literária. O leitor habituado a ler este rodapé há de reconhecer que procurei ser objetivo, pois perceberá quanto me separa do Sr. Álvaro Lins em matéria literária e, sobretudo política. Reconhecendo este esforço, reconhecerá o meu alvo, isto é, mostrar que há entre os homens, apesar de suas oposições, um substrato comum que é nosso dever pesquisar e, uma vez encontrado, nele fundamentar o nosso esforço de compreensão e tolerância.

Notas

- 1 Álvaro Lins. *Jornal de crítica*. 2ª série. R.J. José Olympio. 1943.
- 2 *Op. cit.*, p. 22.
- 3 Álvaro Lins. *Jornal de crítica*. 4ª série. R.J. José Olympio. 1946.